

A Influência da Violência e Criminalidade na Demanda Turística na Cidade do Rio de Janeiro¹

Valdenses Ribeiro Santos²
Centro Universitário UNA
Jersone Tasso Moreira Silva³
Centro Universitário UNA

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar através de um estudo preliminar, tendo como referência autores consagrados na área social, criminalística, de direito, econômica e de turismo, a influência da violência e criminalidade da demanda turística da cidade do Rio de Janeiro. Utilizou-se entrevistas com os órgãos competentes do objeto de estudo, entre eles: Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, batalhões e delegacias especializadas no atendimento e proteção ao turista, das polícias civil e militar, da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria do Estado de Turismo (RJ) e a Associação Brasileira de Agentes de turismo do Rio de Janeiro (ABAV), além de uma simulação de previsão para a parte quantitativa. Foi observado que não há uma relação direta entre violência, criminalidade e a demanda turística no Rio de Janeiro, comprovando que as variações de aumentos nos índices de violência, não são determinantes às variações de ocupacionais de turistas, e vice versa.

Palavras Chave: Violência; Criminalidade; Demanda; Turismo; Rio de Janeiro.

1. Introdução

A atividade turística caracteriza-se pelo envolvimento de diferentes setores econômicos, influenciando no desenvolvimento de localidades, na geração e multiplicação de renda, emprego, operando como dinamizador de fluxo de divisas aos demais setores, como efeito multiplicador, ao transporte, atividade comercial e empresarial como um todo. Esta influência amplia-se inclusive como fator de suma importância ao Balanço de Pagamentos nos países.

Pode-se entender como problema, uma possível queda da demanda turística, gerada pela violência e criminalidade urbana, que afeta a cidade do Rio de Janeiro. Dada pela guerra do tráfico de drogas, problemas sociais, culturais, psicológicos, políticos e administrativos, levados aos jovens, como incentivo à cometer atos criminais, prejudicando a vida das pessoas, o direito de ir e vir, a imagem negativa do Rio aos turistas nacionais e internacionais.

Como relevância, vários autores, entre eles os citados ao longo deste estudo, argumentam e contra-argumentam, da importância de se ter uma condição sócio-econômica equilibrada, de tal forma que as ações do campo econômico não prejudiquem o social. O fato

¹ Trabalho apresentado ao GT06 “Segurança e Riscos Turísticos como Responsabilidade Social e Coletiva” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Economista. Mestrando em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. Pós Graduado em Gestão de Negócios e Marketing pelo IBMEC. Professor dos cursos de Administração e Turismo. E-mail: valdenses@uol.com.br

³ Economista. Mestre pela San Diego State University, San Diego, Califórnia, EUA. Doutor pela Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. Professor do curso de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. E-mail: jersone.tasso@una.br

de ser um país subdesenvolvido, com grandes desigualdades sociais, não é motivo para a violência e criminalidade, mas, influencia. Sua importância está na quantificação, qualificação e análise de dados relativos à violência e criminalidade, como fatores de influência da demanda turística na cidade do Rio de Janeiro.

O trabalho se define em uma tentativa de se explicar a relação entre os números do turismo, turistas e visitantes na cidade do Rio de Janeiro com os dados de violência e criminalidade, mostrando se há ou não uma relação entre as partes. Se o aumento da violência e criminalidade gera decréscimos na demanda turística ou, o aumento do turismo no Rio de Janeiro é gerador de mais violência e criminalidade.

O objetivo deste artigo é analisar os impactos da violência na demanda turística na cidade do Rio de Janeiro, compreendido no período entre 2001 e 2005. Seus objetivos específicos são: (1) Analisar as causas da violência e criminalidade; (2) Analisar os efeitos da violência e criminalidade na demanda turística na cidade do Rio de Janeiro; (3) Identificar e analisar o modelo matemático de previsão, que dê uma visão futura aos dados históricos analisados de violência e criminalidade; (4) Analisar por meio de entrevistas de órgãos competentes na esfera da segurança pública e de turismo, uma resposta aos crimes cometidos no período referenciado e sua relação com o turismo.

2. Referencial Teórico

2.1 Violência e Criminalidade

O fenômeno da violência e criminalidade ocorre, em parte, por causa das restrições legais impostas às autoridades de direito. Numa guerra aberta pelo controle de um território, indivíduos armados, organizações criminosas prevalecem em cima das organizações de segurança pública. As polícias parecem incapazes de evitar a incidência crescente da violência, principalmente nos grandes centros urbanos. A violência não desaparecerá tão cedo, pela existência de um número demasiado de jovens sustentando o poder, e a força (MCNEIL, 2002).

Para Rosa (2003), criminalidade pode ser definida como desvio de comportamento em relação as normas e costumes sociais, do ponto de vista lógico-jurídico, pode ser vista como um exemplo característico de comportamento reprovado pelo grupo e para os quais a organização de Estado adota medidas punitivas, segundo o grau de reprovação. Para o código de direito brasileiro, “crime é todo ato comissivo ou omissivo previsto na lei penal e que nesta recebe o tratamento de punição”. O crime é classificado em diversas categorias: contra a pessoa, patrimônio, costumes e demais outros. A criminalidade, antes de ser penal, pode ser considerada como um tipo de desvio de comportamento, em decorrência de valores sociais

coletivos, no qual o criminoso infringe normas de conduta social, onerando punição, penas enquadradas perante o código civil brasileiro (ROSA, 2003).

A falta de eficiência do Estado, como órgão regulador e o aumento da circulação de armas de fogo, sobretudo pelo tráfico de armas, abastecendo as quadrilhas, e colocando *poder* nas mãos de jovens excluídos pela sociedade, seduzidos a criminalidade, como uma forma mais fácil de trazer dinheiro para casa, faz com que a violência se torne presente em qualquer parte da cidade, levando o medo e uma sensação de incapacidade de lidar com conflitos sociais. Em uma sociedade onde as relações de consumo são abertas, capitalísticas, e os bens fazem parte das relações sociais, de poder e prestígios, os jovens alienados encontram-se em conflitos internos, entre a capacidade de realização financeira, reconhecimento, poder e trabalho. O crescimento da violência, seria o reflexo da emergência de valores morais, como regras a sociabilidade, interpretada pelas classes menos privilegiadas (ZALUAR, 1998).

A maioria dos crimes ocorrem na periferia por profunda carência estrutural, onde a ordem dada pelos policiais, na maioria das vezes moradores nesse meio, moradores da periferia, despreparados, e com uma missão de repreensão e pacificação social, é obtida pelo uso da força. Muitos dos conflitos sociais, seriam transformados em situações amenas, se houvessem uma participação de todos, mas os Estado, como força maior e espelho, se encontra em sua incapacidade estrutural.

A violência urbana não é nova, mas não assume as mesmas formas em todas as épocas, distinguindo pelos tipos de agentes, vítimas, ocasiões, tecnologia, local, entre outras. O mundo do crime organizado é basicamente atrelado às drogas, diretamente pela venda, comercialização do produto, indiretamente pelos roubos, furtos e assaltos auferidos pelos delinquentes para financiar o tráfico. A corrupção policial, o mercado da droga, a presença de quadrilhas e a desigualdade social, são apontados como os principais influenciadores das práticas criminosas (ZALUAR, 2002).

As grandes metrópoles, como a cidade do Rio de Janeiro, tem um bom exemplo do crime organizado, quadrilhas especializadas, com auto poder de fogo, armas e munições, utilizam dos morros, favelas como ponto de distribuição da droga, usando das famílias moradoras da região, dificultando acesso das polícias na coibição da atividade criminosa. Tais organizações são, cada vez mais violentes, lutam entre si, em domínios de pontos de venda e do medo como prática para se manter. O mundo da droga é muito rentável, traficantes ganham muito mas, normalmente vivem pouco (ROSA, 2003).

Para Oliveira (2002), crianças e jovens no mundo do crime, tendo a princípio atividades criminosas menores, como pequenos furtos, roubos, promovem uma escalada para

as tendências de crimes de natureza mais graves. Esta escalada se dá inclusive, no apadrinhamento dos traficantes nos morros e favelas e nas cadeias e presídios tendo como escola do crime, desencadeando maior violência e crimes cada vez mais graves.

Pizam e Mansfeld (1995), afirmam que a violência no turismo é na maioria dos casos, uma questão de má gestão política e social. Questões de cunho político, como o terrorismo, afetam diretamente o turismo, trazendo guerras e medo a população, existem várias outras, como por exemplo, a questão de planejamento da segurança pública que precisa ser muito bem trabalhada. Questões sociais, como melhoria de condições de vida da população e educação, estão diretamente relacionadas com a questão do ócio e das inter-relações de principalmente jovens com o mundo da criminalidade.

Os efeitos da violência são extremamente negativos para a indústria do turismo, faz-se reduzir a demanda por viagens às regiões entre as quais, têm assas características mais fortemente vistas. A participação do governo, população e instituições ligadas ao turismo, é de fundamental importância, para reduzir os índices criminais, possibilitando melhores condições de permanência aos turistas e a população local (PIZAM; MANSFELD, 1995).

Costa (2005), afirma que há uma relação direta entre criminalidade e pobreza, ressalta que, a maioria dos criminosos são analfabetos, onde não tiveram possibilidade de se dedicar aos estudos, são normalmente trabalhadores braçais, predominantemente de cor negra, onde não se tem condições de sustento para si próprio e para suas famílias.

A evolução do tráfico de drogas no Rio, decorreu da combinação entre o tráfico internacional de drogas que o adotou como passagem e fornecimentos para outras partes do mundo. Os bicheiros perderam atuação, com o surgimento de grupos do tráfico, sobretudo o Terceiro Comando em oposição com o Comando Vermelho, grupos violentos de extermínio, venda, compra e drogas e armas. Outro ponto de perda de espaço dos bicheiros, foi a legislação em vigor, que puniam suas atividades (EVANGELISTA, 2003).

O narcotráfico no Rio de Janeiro, passa por uma posição estratégica. Seus morros, com uma visão privilegiada e o mercado consumidor em seu entorno, serviu de base de ações de guerrilha na defesa dos pontos de venda. Seu poderio militar, atrelado a precariedade das polícias as faltas na justiça criminal, serviram de suporte ao mercado altamente rentável, caracterizado pelo uso da força para defesa de seu território (EVANGELISTA, 2003).

2.2 A Demanda Turística

Tribe (2000) argumenta que, o setor de serviço, passa por uma grande transformação em relação ao mercado, famílias e empresas, transformações no trabalho, com maior flexibilidade de horários já são percebidos. Para ele, essas transformações vão alterar a forma

de se fazer turismo ao longo dos tempos e, aumentar a disposição dos turistas e não turistas a viajar.

Ainda em relação ao mercado turístico, Middleton (2000) mostra a importância de se reconhecer os gostos, preferências, estilos de vida, atitudes, tamanho e composição das famílias. Estas são importantes para se estabelecer uma maximização da demanda de mercado, apoiado pelos esforços do marketing turístico, pelo planejamento e segmentação de mercado de viagens.

O estudo da formulação de preços, pesquisa, planejamento estratégico, estudo do ambiente de negócios, canais de distribuição, promoção e as relações entre visitantes e visitados, possibilitam um melhor entendimento da tipologia dos turistas, possibilitando com o uso de ferramentas estatísticas, estabelecendo melhores condições para as empresas e um melhor padrão do turismo local para a comunidade e turistas (MIDDLETON, 2000).

Turistas viajam e gastam dinheiro em seu país origem ou, em outros nos quais vão passar uma temporada. Turistas residentes de um determinado país, vão para outros e gastam dinheiro, levam divisas, riquezas de seu país de origem para outros. Este movimento único traz efeitos negativos ao Balanço de Pagamentos do país de origem, mas há movimentos inversos, ou seja, de turistas de outros países nos visitam trazendo consigo gastos que, desta forma, equilibram as entradas e saídas de recursos / turistas entre os países, equilibrando as contas do turismo. Já o turismo doméstico, a medição é importante para se poder promover políticas de planejamento local, buscando um melhor desenvolvimento para região turística e, melhores condições para visitação dos turistas. Para ambos os casos, o planejamento e o controle são incisivos para se ter um bom resultado para o turismo.

3. Referencial Analítico

Os dados coletados concatenados entre seus diversos tipos de atividades criminais, entre suas categorias: crime contra pessoa, crime contra patrimônio, contra os costumes e outras ocorrências. Cada uma dessas modalidades são subdivididas entre outras dezenas, não citadas não ser relevante um tipo específico de modalidade criminosa. Foram em seguida, separados de acordo com a região a ser estudada, no caso, a capital do estado do Rio de Janeiro, após, formados os números-índices⁴ para cada 100 mil habitantes, tendo o último censo, como base de dados populacionais. Ressalta-se a população do Rio como sendo de 5.857.904 habitantes, segundo o censo de 2000. Segundo a fórmula 1 o índice é expressa por:

$$\text{Índice} = \text{crimes} / (\text{População} / 100.000) \quad (1)$$

⁴ Índices de Violência, calculados com base de 100 habitantes.

Onde,

Índice = relação da totalidade dos crimes obtidos por uma relação de 100 mil habitantes;

Crimes = totalidade de todas as ações criminais cometidas;

População = Soma da população da cidade do Rio de Janeiro.

Para um melhor aproveitamento dos dados, foram utilizadas tabelas e gráficos, bem como o uso do software estatístico Logware⁵, para um melhor aproveitamento dos dados apurados no período e sua projeção para o ano futuro.

No Logware, mais precisamente em Forecast⁶, foram utilizados 48 períodos, referentes aos meses de janeiro a dezembro, dos anos compreendidos entre 2002 a 2005. Mais 12 meses de projeção matemática para 2006, totalizando 60 meses de análise. O modelo mostra a evolução da série temporal e faz projeções buscando um melhor ajustamento entre os dados ao longo do tempo. Para um comportamento mais real da projeção, incrementado como significância, valores e níveis constantes, de tendência, sazonalidade e erro padrão. No item 3.3, explica-se detalhadamente sua importância, bem como suas funções e fórmulas matemáticas e estatísticas.

A coleta de dados de violência e criminalidade, bem como a entrevista, foi feita na Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no Instituto de Segurança Pública do Estado (ISP/RJ).

Foi escolhido como representante da Polícia Militar, o Batalhão de Polícia de Proteção ao turista (BPTUR), por ser único representante da polícia militar do Rio, especializado na prevenção e repressão do crime contra o turista. O batalhão é situado na zona sul da capital, mais precisamente em Copacabana. A entrevista foi auferida pelo Major e então Sub. Comandante Alexandre da Silva Pimenta, no qual concedido uma viatura da PM para conhecer os pontos críticos da cidade, bem como ficando parte do dia a minha disposição, fato raro.

Para a Polícia Civil, a Delegacia Especial de Atendimento ao Turista (DEAT), foi a melhor opção, por se tratar, igualmente a polícia militar (batalhão), da única delegacia especializada de proteção ao turista, situada na zona sul, no bairro do Leblon.

As entrevistas aos delinquentes, digo pessoas que furtam turistas, foi ocasional, de caráter informal, sem uso gravador ou qualquer outro meio que possibilite retratar com exatidão suas palavras. A entrevista foi concedida na região de Copacabana, no mês de outubro de 2005, por um grupo de oito pessoas, sendo apenas três de maior idade.

⁵ Software logístico de projeções estatísticas (1999 – R. H. Ballou versão 4.0).

⁶ Modelos matemáticos e estatísticos.

4. Resultados e Discussões

Os dados apresentados na TABELA 01 mostram a violência na cidade do Rio de Janeiro caracterizado por diversos tipos de criminalidade, ou seja, contra a pessoa; contra o patrimônio; contra os costumes e outras ocorrências apurados por um índice de 100 mil habitantes.

A tabela indica que no ano de 2001, apresentou-se um número de 83.718 ocorrências criminais, com uma participação de 1.429 ocorrências por 100 mil habitantes. Em 2002, estes números cresceram muito, passando 83.718 ocorrências para 124.775, ou seja, do índice para 100 mil habitantes, de 1.429 para 2.130. Houve nesse período uma variação percentual de 49,06%, em relação a 2001. Para 2003, houve uma pequena queda, passando para 119.309 ocorrências (2.037 / 100 mil hab.), com uma variação percentual negativa de (4,37%) em relação a 2002. Já em 2004, houve um pequeno crescimento, comparados a 2003, de 6,92%, tendo um total de 127.602 ocorrências criminais, com uma participação de 2.178 ocorrências por 100 mil habitantes. Analisando 2005, pode-se falar que o crescimento da violência e criminalidade foi muito expressivo, crescendo 53,63% em relação a 2004, ultrapassando 3 mil ocorrências por 100 mil hab. E quase chegando há 200 mil atos registrados de violência.

Os números de 2005 aumentaram muito, conforme informado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, pelo combate a criminalidade, principalmente nos morros e favelas e pelo aumento de incidência de pequenos furtos em suas imediações, principalmente na zona sul carioca.

TABELA 1
Violência no Rio de Janeiro

ANO	TOTAL	100 MIL HAB.	Variação Percentual (%)
2001	83718	1.429	0
2002	124.775	2.130	49,06
2003	119.309	2.037	-4,37
2004	127.602	2.178	6,92
2005	196.009	3.346	53,63

Fonte: Resultados da pesquisa.

Analisando a demanda internacional, TABELA 2, de 2002 à 2005, verificou-se períodos de variação positiva, ou seja, a demanda turística em crescimento, principalmente de 2003 a 2004, onde alcançou um crescimento mais significativo, 16%. Já os demais anos, o crescimento foi pequeno.

TABELA 2

Demanda Turística Internacional

ANO	DEMANDA TURÍSTICA	Varição Percentual (%)
2002	1459	-
2003	1.525	4,52
2004	1.769	16
2005	1.790	1,19

Fonte: Ministério do Turismo, Embratur (ANO)

Para o desemprego, TABELA 3, a cidade do Rio de Janeiro apresenta em 2002, um percentual de 6,19% da população economicamente ativa (PEA), índice baixo em relação ao restante do país. Em 2003, esse percentual teve forte alta, passando para 9,19% (PEA), uma variação percentual de 48,47% em relação a 2002, tendo como influência a política econômica neste ano. Já em 2004, houve uma pequena queda, passando para 9,03%, com uma variação percentual negativa de (1,74%) em comparação a 2003, seguido de uma queda mais acentuada em 2005 (7,79% PEA), comparado a 2004.

A forte queda dos índices de desemprego em 2005, se dá pelo avanço na indústria, principalmente a petrolífera (Petrobras) que, em fins de 2005 á janeiro de 2006, tendo seu avanço ao longo de 2005, em pesquisa, exploração e descobertas de novas bacias petrolíferas, como por exemplo na Bacia de Campos e Sepetiba, intensificou sua produção, criando novas frentes de trabalho, gerando milhares de empregos diretos e indiretos, participando positivamente na queda do desemprego na capital.

Para a renda per capita, ver TABELA 3, em 2002, apresenta um valor de R\$ 752,90. Em 2003, houve uma alta de 13,42%, passando para R\$ 853,96, representando uma melhoria no nível de vida das famílias de trabalhadores cariocas. Para 2004, houve uma pequena queda, de 0,84%, representando uma perda do poder aquisitivo. Já em 2005, os níveis de renda, passam para R\$ 911,87, caracterizando um aumento de 7,68% em relação a 2004.

TABELA 3

Desemprego e renda

ANO	DESEMPREGO (%)	Var. (%)	RENDA (R\$)	Var. (%)
2002	6,19	-	752,90	0
2003	9,19	48,47	853,96	13,42
2004	9,03	-1,74	846,80	-0,84
2005	7,79	-13,73	911,87	7,68

Fonte: IGBE (2006)

Com relação á taxa de ocupação dos hotéis, pousadas, flats e resorts, representada por unidade habitacionais (UH'S) - Tabela 04, para turistas domésticos, até 2002, foi seguido por períodos de queda, sendo a mais expressiva em 2004, 9,88% em relação a 2003. Já em 2005, houve um pequeno aumento de 2,02%. Comparando 2002 em relação a 2005, percebeu-se uma queda acentuada de 21,11%, observada com um aumento expressivo do índice de criminalidade no mesmo período na TABELA 1.

Ao contrário do turismo nacional, o internacional apresentou até 2004 uma alta sistemática, variando em 10,18% de 2002 para 2003 e, 14,52% de 2003 para 2004, somando um percentual de 24,70% no período. Para 2005, houve uma queda de (2,33%) comparado a 2004. Analisando a Tabela 01, verifica-se que não há uma relação direta entre o aumento da violência e criminalidade com a demanda turística.

TABELA 04

Taxa de ocupação dos hotéis

ANO	NACIONAL	Var. (%)	INTERNACIONAL	Var.(%)
2002	63,24	-	36,76	0
2003	59,50	-5,91	40,50	10,18
2004	53,62	-9,88	46,38	14,52
2005	54,70	2,02	45,30	-2,33

Fonte: IDIH, 2006.

De acordo com o Gráfico 1, que mostra os índices de violência e criminalidade do Rio de Janeiro – capital, dos meses de janeiro a dezembro, dos anos entre 2002 e 2005, observa-se que, de modo geral, o comportamento parece ser cíclico, ou seja, na maioria de anos, o mês de fevereiro tem um pequeno pico, para cima ou para baixo, os meses de março a maio são mais estáveis, com menores oscilações, de maio a julho há uma queda substancial, voltando a um crescimento até adquirir a estabilidade dos meses anteriores. Os meses de setembro e outubro são crescentes, de outubro em diante se tornam mais estáveis, com exceção do ano de 2002 que, mostra uma queda desde outubro.

Para 2002, o ano passa por períodos claros de aumento e queda na criminalidade, sendo até maio seguido por altas e quedas dos índices de violência, maio a julho por uma forte queda, julho a outubro uma forte alta e a partir de outubro um período de declínio.

Em 2003, o comportamento da violência e criminalidade foi similar a 2002, porém com uma maior suavidade na curva, mostrando um comportamento mais uniforme, exceto de maio a julho.

Já em 2004, o gráfico mostra um aumento na criminalidade a partir do mês de fevereiro, passando por uma suave queda de maio a junho, seguido de uma queda maior de junho a julho retomando de julho a agosto, a partir daí mostra um comportamento de suave alta até dezembro.

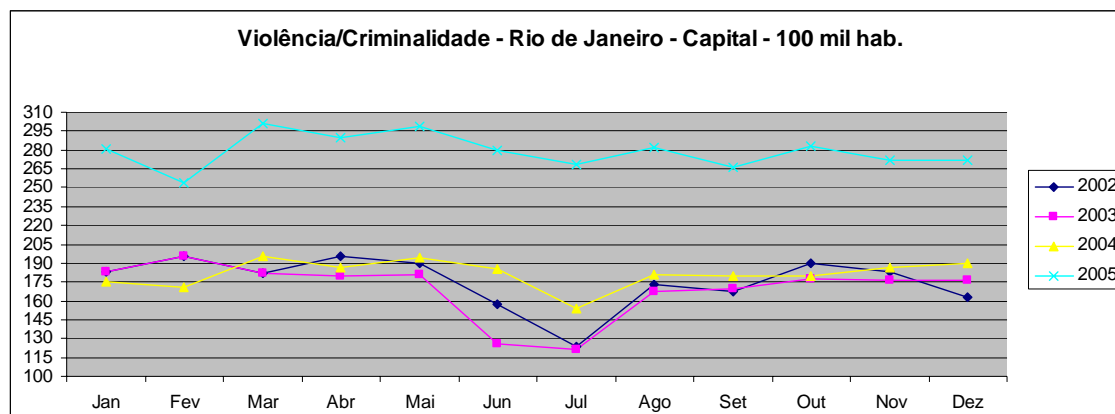


GRÁFICO 1 – Violência no Rio de Janeiro no período compreendido entre 2002 e 2005
 Fonte: SSP/RJ – ISP/RJ (Adaptado pelo autor)

Durante todo o ano de 2005, ver GRÁFICO 1, os índices surpreenderam, ficando muito acima dos demais anos, sendo o mês de maior queda, em fevereiro para 254, muito mais expressivo que a maior alta dos anos anteriores, 196 em abril de 2002 e março de 2004. Para o mês de março de 2005, foi registrado o maior índice de criminalidade da cidade do Rio de Janeiro, em todos os tempos, alcançando 301 ocorrências de criminalidade para 100 mil habitantes. Os demais meses, de março a dezembro, por pequenos acréscimos e decréscimos, seguindo uma trajetória de queda, mesmo assim, nunca inferior a 266 registrado em setembro de 2005.

3.1 Análise das entrevistas

Com relação ao papel de cada órgão na prevenção, combate a violência e criminalidade, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SSP/RJ), esclarece muito bem dizendo seu papel, bem como das polícias civil e milita. Quanto a Secretaria de Turismo (SETUR) e a Associação Brasileira de Agências de Turismo (ABAV), relatam muito bem sua participação quanto a relação do turista ao seu destino.

Para as possíveis causas de violência, ambas concordam e se complementam afirmam que as causas de criminalidade contra o turista são várias, entre as quais, problemas sociais, culturais, cidade como pólo turístico internacional, entrada massiva de estrangeiros com capital financeiro e pertences, problemas de ordem administrativa do Estado e Município.

O que está sendo feito no combate a criminalidade, a SSP/RJ juntamente com as Polícias Civil e Militar concordam e afirmam da presença marcante por elas prestadas na

prevenção e combate, mostrando a melhoria de infra-estrutura e de pessoal. Pessoal mais qualificado e treinado, com viaturas, quadriciclos, bicicletas, armas, tecnologia, como câmeras de vigilância ajudando a inibir ações criminosas. Já a SETUR/TURISRIO , desconhece das ações diretas ao combate a criminalidade, mesmo se tratando de turistas.

Para o turista, ambas são unânimes. Falam da presença da violência no Rio, argumentando sob a imagem negativa da cidade, caracterizada pela sujeira em pontos isolados e a violência de pequenos grupos de delinquentes que, através de grupos ou de ações isoladas amedrontam os turistas internacionais e domésticos. Afirmam dizendo que não há uma relação direta entre turismo e criminalidade e que o mais comum, são os pequenos furtos.

Concordam ainda, que o papel do Estado, Polícias, Associações, entidades de classes, setor privado, comunidades e turistas são fundamentais para se ter uma cidade mais segura.

3.2 Análise do Forecast

Como mostrado no Gráfico 2, representado no eixo horizontal, o período de tempo analisado nos índices de criminalidade, correspondendo do período 1 ao 48, representado entre os meses de janeiro de 2002 a dezembro de 2005 e a série de previsões, dado pelos períodos 49 a 60, representados pelos 12 meses, janeiro a dezembro de 2006, como futuros números para estudo e possível planejamento por parte dos organismos competentes. No eixo vertical, tem-se os números de criminalidade, os dados das séries temporais, variando do menor patamar, 121 ocorrências criminais para 100 mil habitantes, em julho de 2003 a 426 em março de 2006, como fator de previsão.

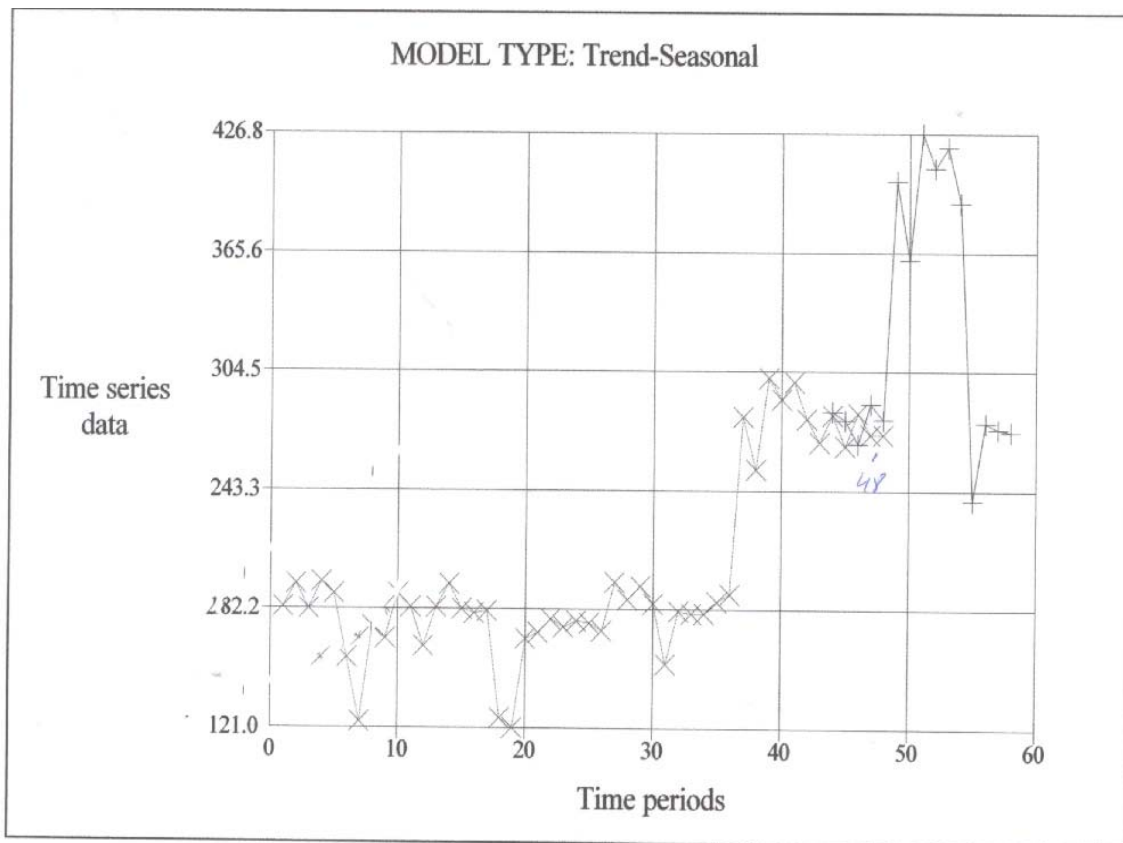


Gráfico 2 – Previsão de violência e criminalidade para o ano de 2006.
 Fonte: Resultados da Pesquisa

Em 2002, do mês 01 ao mês 05 os números permaneceram em um patamar de quase linearidade, a partir de então, uma suscetível queda até o mês 07, retomando um crescimento quase linear até o mês 10. O mês 12 houve uma pequena queda.

Para 2003, partindo do mês de janeiro, representado no gráfico, *time period 13*, recupera níveis de início de 2002, por volta de 180 ocorrências criminais, até novamente o mês de maio, onde há como em 2002, uma queda surpreendente do índice de criminalidade. Partindo do *time period 19*, representado pelo mês de julho, ao período 20 (agosto) uma forte ascendência, partindo de então por uma suave ascensão, até período 24 (dezembro).

Seguindo em 2004, de período compreendido entre 25 a 36, o comportamento da curva obedece a mesma linearidade dos anos anteriores, correspondendo apenas de uma forma mais suave nos picos, emergindo em uma maior suavidade.

Já em 2005, período 37 ao 48, os índices passam a um novo patamar, alcançando números constantes ao longo do tempo, com uma variação de 254 a 301 em números criminais. Sua curva é ainda mais suave, obedecendo uma queda expressiva do período 37 ao 38 (janeiro a fevereiro), 41 ao 43 (maio a julho).

Como projeção para 2006, utilizando o modelo exponencial de previsão, haverá uma alta ainda mais acentuada, período de 48 a 49 (janeiro), seguido de queda no período 50 (fevereiro), ascensão até o período 53 (julho), seguindo então uma forte queda até o período 55 (setembro), voltando a subir no período 56, alcançando novamente a mesma linearidade do período compreendido em 2005.

4. Conclusão

De acordo com os dados apresentados, verificou-se que violência e criminalidade não têm uma relação direta com demanda turística, ou seja, não é fator determinante, único e exclusivo para os aumentos ou queda do número de turistas na cidade do Rio de Janeiro. O mesmo acontece com as demais variáveis, desemprego, renda e taxa de ocupação dos hotéis.

Verificou-se ainda, no período estudado, de forma quase cíclica, que há meses do ano onde a demanda turística é menor, sazonais do turismo, há uma queda dos números criminais, ou seja, com menos turistas na cidade, a criminalidade é menor. Por um outro lado, quanto maior o número de turistas, mais receita gera para o município, gerando mais emprego, como consequência, reduzindo o número de trabalhadores desocupados, dito desempregados.

Para previsão de 2006, há uma tendência de um aumento muito expressivo nos índices, principalmente nos meses de janeiro a junho, passando por uma forte queda de maio a julho, retomando um pouco em agosto e, mantendo mais constante ao longo dos demais meses de 2006.

É importante salientar, que os maiores números de violência no Rio, no período compreendido entre 2001 e 2005, mais de 80%, conforme afirmado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SSP /RJ), está na guerra do tráfico de drogas e não no turismo. Vale lembrar, que a criminalidade no turismo é associada, basicamente, a pequenos furtos cometidos por delinquentes moradores dos morros.

Tomando como referência as obras estudadas e as entrevistas feitas, a violência e criminalidade é fator comum em todas as cidades turísticas do mundo, no Rio, por se tratar de uma cidade de um país de terceiro mundo, sua peculiaridade passa principalmente por questões de nível social, facilitadas pelas instabilidades políticas adversas ao longo de sua história.

Segundo as entrevistas, como senso comum entre os entrevistados, mesmo assim, a cidade do Rio de Janeiro é uma cidade segura, atraente, com um povo honesto, “quente”, seguido de suas belezas naturais e de mulheres bonitas.

Com relação ao turismo sexual, infelizmente ainda é uma prática muito comum, dada pela liberdade de um país tropical e pobre, tendo se explicado por suas raízes, sobretudo pelas desigualdades sociais existentes.

Referências Bibliográficas

COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*. 3ª.ed. São Paulo: Moderna, 2005.

EVANGELISTA, Hêlio de Araújo. *Rio de Janeiro: Violência, Jogo de Bicho e Narcotráfico Segundo uma Interpretação*. FAPERJ, Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2003.

MCNEIL, Willian H. As gangues de rua são uma antiga herança da civilização. In OLIVEIRA, Nilson (org.) *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002. 248p. p. 11-31

MIDDLETON, Victor T. C. *Marketing in travel and tourism*. London, England: Butterworth Heinemann, 2000.

OLIVEIRA, Nilson (org.). *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002.

PIZAM, Abraham; MANSFELD, Yoel. *Tourism, crime and international security issues*. England: Wiley, 1995.

ROSA, Felipe A. de Miranda. *Criminalidade e violência global*. Rio de Janeiro, RJ: Lúmen Júris, 2003.

TRIBE, John. *Economia del ocio y el turismo*: Madrid, Espana: Sintesis, 2000.

ZALUAR, Alba. Violência: questão social ou institucional? In: OLIVEIRA, Nilson. *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002. 248p. p. 75-85.